



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIVALDO BARROS MEDEIROS

HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE: DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO  
CARMO NA VILA DO CARMO DO TOCANTINS, NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ- PÁ  
(2006-2013)

UFPA/CUNTINS-CAMETÁ-PA

2013



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIVALDO BARROS MEDEIROS

HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE: DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO  
CARMO NAVILA DO CARMO DO TOCANTINS, NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ- PÁ  
(2006-2013)

CAMETÁ-PA  
2013

MARIVALDO BARROS MEDEIROS

HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE: DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO  
CARMO NA VILA DO CARMO DO TOCANTINS, NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ- PÁ  
(2006-2013)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a  
Faculdade de História UFPA/Campus Universitário do  
Tocantins-Cametá como um dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a  
orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

UFPA/CUNTINGS-CAMETÁ

2013

MARIVALDO BARROS MEDEIROS

HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE: DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO  
CARMO NA VILA DO CARMO DO TOCANTINS, NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ- PÁ  
(2006-2013)

---

Prof.<sup>a</sup>. MSc. Tatiane do Socorro Correa Teixeira  
Membro da Banca

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto  
Orientadora

UFPA/CUNTINS-CAMETÁ

**À memória de José da Conceição Medeiros, meu pai, que muito cedo foi morar ao lado de Deus, sem ter a satisfação de ver este momento tão especial da minha vida, cuja conquista com certeza teria o maior orgulho.**

**A dona Maria de Lourdes, minha querida mãe e conselheira e a Eliene, minha irmã, meus alicerces, as quais devo este momento, pois sempre me incentivaram e apoiaram em todos os momentos da vida.**

**A meu irmão Antonio e aos meus sobrinhos Enzo, Eick e Evni.**

**A Manuelly, minha filha muito amada.**

**“Estreitamente vinculadas à profunda religiosidade do povo, também as festividades sacras estavam motivadas por circunstâncias e apresentavam-se de formas variadas. Talvez o mais característico delas estivesse no seu caráter a um só tempo religioso e popular” (Maria Cristina Bohn Martins, 2006).**

## AGRADECIMENTOS

A produção de qualquer que seja o trabalho sempre será difícil de executar sozinho, pois a participação de alguém é imprescindível mesmo que essa pessoa não esteja diretamente atuando junto a você, pois só o incentivo já é uma grande participação, ainda mais quando se está sem motivação para trilhar tal caminho. Portanto, baseado nessa ideia será difícil citar todos que de alguma forma colaboraram para a produção deste estudo. Porém, quero, desde já, deixar claro as pessoas cujos nomes não estão citados aqui, que não significa dizer que não tiveram importância na minha trajetória de vida e na produção final da presente trabalho, é que minha memória, neste momento não se encontra tão sublime para lembrar o nome de todos.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado vida e saúde para que eu pudesse hoje está chegando a esse momento e a Nossa Senhora do Carmo, por interceder sempre por mim junto a Deus.

A Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto, minha orientadora, que esteve sempre presente quando eu a procurava nos momentos de inquietudes e incertezas. E, a todos os professores da Faculdade de História do Campus Universitário do Tocantins-Cametá, que muito contribuíram para minha formação.

A minha mãe Lourdes e a minha irmã Eliene, pelas cobranças que me fizeram durante esses anos. Obrigado, se não fosse por vocês eu não teria conseguido!

A meu irmão Antonio, ao meu cunhado Jári e aos meus sobrinhos Enzo, Eick e Evni, por me fazerem relaxar com brincadeiras quando eu já estava sem ideia para escrever as análises do presente estudo. Valeu, a todos o meu muito obrigado!

Meu muito obrigado a comunidade de Vila do Carmo, de forma especial, externo meus agradecimentos a todas as pessoas que foram entrevistadas nas atividades de pesquisa que deram origem a este trabalho. Obrigado pela máxima atenção dispensada padre Raimundo Nonato, Sr. Cloriolando Rodrigues, Sr. Manuel Rodrigues, Sr. Manuel Maria Sátiro de Melo, Sra. Marlene Medeiros, Sra. Vanderleia Medeiros, Sra. Eliene Barros, Sra. M<sup>a</sup> de Lourdes Barros!

Meus agradecimentos a todos os meus colegas da turma de História 2009, pela troca de experiência durante quatro anos que passamos juntos.

Enfim, a todos que de maneira direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir este trabalho de conclusão de curso muito importante para minha formação profissional e para a minha vida.

A todos o meu muito obrigado!!!

## RESUMO

Este trabalho, História, Cultura e Religiosidade: Devoção a Nossa Senhora do Carmo na Vila do Carmo do Tocantins, no Município de Cametá- PA (2006-2013) tem como objetivo investigar as manifestações religiosas na Vila do Carmo, com destaque ao culto a Nossa Senhora do Carmo, bem como verificar a transição espacial da festividade nessa localidade, analisando a estrutura da mesma. Metodologicamente, para a realização da pesquisa, primeiramente se realizou um levantamento bibliográfico verificando obras de autores que já pesquisaram sobre o assunto como, GALVÃO (1976), ELIADE (1992), SOUSA (2002), SOUSA (2012) ROSA (2007), REIS (2010), NASCIMENTO (2009), SARAIVA (2010), cujos estudos possibilitaram trilhar vários caminhos da pesquisa a fim de se encontrar as melhores respostas para este estudo. Posteriormente, buscou-se auxílio nos documentos escritos, imagéticos e orais, através do trabalho direto de campo, onde foi possível vivenciar e conhecer melhor o fenômeno estudado. A pesquisa constatou que a mudança espacial e o reconhecimento da festa “do Carmo” influenciaram admiravelmente no desenvolvimento físico e social da Vila do Carmo. Desta forma, com o fim das festas profanas (bailes festivos regados a bebidas alcoólicas) a população passou a freqüentar muito mais a igreja local no período da festividade, e a receita da festividade de Nossa Senhora do Carmo aumentou consideravelmente, já que antes grande parte da renda era destinada as bandas e distribuidoras de bebidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catolicismo Popular; Irmandade; Sagrado e Profano; Vila do Carmo.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O CATOLICISMO POPULAR EM VILA DO CARMO.....</b>	<b>17</b>
1.1. OS PIONEIROS NA CONDUÇÃO DA ANTIGA FESTIVIDADE.....	18
1.1.1. Da Irmandade a C.C em Vila Do Carmo.....	19
1.2. A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO E AS NOVAS PERSPECTIVAS.....	25
1.3. DO DIVINO ESPIRITO SANTO À NOSSA SENHORA DO CARMO.....	29
<b>CAPÍTULO- II</b>	
<b>ESPAÇO, FESTA E RELIGIOSIDADE.....</b>	<b>37</b>
2.1. O SAGRADO E O PROFANO.....	38
2.1.1. As Mudanças na Festa de Nossa Senhora do Carmo.....	40
2.2. DEVOÇÃO E TURISMO NO CONTEXTO DA FESTA DO CARMO.....	49
2.3. O ASPECTO SOCIAL DE VILA DO CARMO E A FESTIVIDADE DO CARMO.....	52
2.3.1 O Desenvolvimento Urbano e Social de Vila do Carmo.....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>59</b>
<b>BIBLIOGRAFIAS.....</b>	<b>61</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como o trabalho em destaque está relacionado à questão religiosa é importante salientamos que teremos um campo extremamente amplo em argumentos a serem discutidos, uma vez que, muitos estudiosos como GALVÃO (1976), ELIADE (1992), SOUSA (2002), SOUSA (2012) ROSA (2007), REIS (2010), SARAIVA (2010) dentre outros, já pesquisaram sobre o assunto e nos deram a possibilidade de trilharmos os vários caminhos a fim de encontrarmos as melhores respostas para este estudo.

Para tal resposta sobre a discussão se abre um grande leque de possibilidades a serem pesquisadas e um dos muitos conflitos argumentativos a respeito da questão religiosa, e que, poucos param para pensar, está no próprio conceito entre religião e religiosidade. Pois, vários estudiosos os consideram como tendo um mesmo significado, sem diferenciação de conceito e, que na verdade, são muito mais que simples ideias homogêneas, conforme se pode observar no decorrer deste trabalho, mediante a análise de alguns estudiosos, dentre os quais se destaca NASCIMENTO (2009).

Sendo assim, este trabalho está voltado para o estudo de uma religiosidade específica, quer dizer, uma religiosidade popular que tem como doutrina o culto a um santo, no caso, a Nossa Senhora do Carmo, na Vila do Carmo do Tocantins. O objetivo deste trabalho é entender como Nossa Senhora do Carmo passou a ser a padroeira de Vila do Carmo. Da mesma forma, entender como se deu o processo de transição do local de devoção ao culto a essa santa, e quem foram os primeiros condutores da festividade em homenagem a ela. E, por fim, verificar como a religiosidade se manifesta nos habitantes desta vila a ponto de contribuir para que possam modificar o ambiente do qual faz parte.

Para tanto, é necessário compreendermos a diferença entre esses dois conceitos, ou seja, religião e religiosidade. Pois, conforme aborda Nascimento, apesar de parecerem sinônimos quando discutidos cientificamente, como é o foco de análise do presente trabalho, demonstram-se totalmente antagônicos (NASCIMENTO, 2009).

Religiosidade é um vocábulo que se refere ele próprio ao que vem do povo, que pode evocar manifestações ligadas ao sagrado, por oposição ao que é oficial, ao que vem da igreja, já que esse oficial não se trata do que é popular, mas sim, de uma hierarquia eclesiástica, dos dogmas e prescrições de uma instituição (NASCIMENTO, 2009, p. 119).

Nessa perspectiva, é inegável deixarmos de falar que a religião sempre esteve presente nas sociedades, já que, nesse viés por fazer parte ao que vem do povo, certamente, está ligado à questão cultural, pois uma vez que essas festas religiosas realizadas nestas comunidades são exemplificações de uma história cultural na qual há uma impregnação no universo cultural do grupo, ou seja, nestes casos os rituais aparecem como manifestações coletivas em torno da imagem do santo protetor (SARAIVA, 2010, p.156)

Nesse aspecto, há de entendermos que muitas dessas sociedades procuravam em suas essências algo que pudesse vir a servir como protetor, como é o caso das grandes civilizações que também buscavam na religião uma forma de proteção divina, uma vez que, nas mitologias da antiguidade os cultos aos deuses eram algo característico daquelas sociedades (ELIADE, 1992).

Partindo desse pressuposto, constata-se de fato que, as religiões fizeram e fazem parte de um contexto histórico e cultural dos povos que viveram e vivem em diferentes sociedades. Pois, as manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas, a sua atualização, uma forma de reviver tempo original e promover a purificação, pautando-se no que Hobsbawn chama de tradição inventada, ao dizer que “há referência a um passado histórico (...) que se caracterizam por estabelecer com ele uma continuidade” (HOBSBAWN, 1984, p.10).

Nas concepções de Rosa (2010), religiosidade é uma prática tradicional que acontece periodicamente todos os anos e é repassada aos filhos e netos que dão continuidade a esse movimento com algumas mudanças de comportamentos e atitudes reinventando a tradição periodicamente (o que é extremamente normal, falando-se de cultura e religião), adaptando-se a sua época e a sociedade contemporânea (ROSA, 2010).

Para Saraiva o conceito de religiosidade popular tem sua origem no culto se mostrando presentes nas mais diversas civilizações o que é importante para entender a relação do homem em sociedade (SARAIVA. 2010).

Tal abordagem é para esclarecer que, como trabalharemos a questão religiosidade popular voltada para a devoção a um santo padroeiro, é indispensável fazer um breve histórico a respeito do que seja o contexto em volta dessa discussão e análise visto ser imprescindível para a elaboração do trabalho.

Sem perder de vista que a proposta mais significativa do presente estudo é analisar a religiosidade popular na Vila do Carmo, onde o culto a Nossa Senhora do Carmo é o foco da pesquisa. Abrangendo também, uma abordagem ao festejo a esta santa padroeira, ou seja, não

somente o lado sagrado, mas, também, o profano abordado, por ambos serem parte integrante do catolicismo popular, uma característica peculiar no Baixo Tocantins, constituindo uma das centenas de santas e santos padroeiros no Município de Cametá, cada um e uma com suas especificidades e importância para o lugar ao qual são homenageados. Pois, a escolha coletiva para a devoção a um santo, é componente tão fundamental e constituinte da natureza de um povo ou grupo que se torna impossível separá-lo do caráter e da visão cultural de mundo destes (NASCIMENTO, 2009).

Assim, o tema pesquisado apesar de fazer parte de um contexto amplo e bastante discutido, no caso o campo religioso, todavia, para esta pesquisa, ainda é bastante restrito de informações, uma vez que muitas informações não estão disponíveis em fontes escritas, isto é, não se encontram registros históricos, com exceção do livro do “Tombo”, único documento oficial da Prelazia de Cametá, referente à igreja de Nossa Senhora do Carmo. Inclusive, uma das obras do escritor Salomão Larêdo, foi baseado no livro do “Tombo”, assim como também um trabalho do senhor Cloriolando dos Santos Rodrigues, da escola de formação para leigos intitulado: “Historia: passado e presente da C.C de Nossa Senhora do Carmo do Tocantins”.

No entanto, a de se considerar que mesmo não estando muitos dos fatos registrados oficialmente, podemos ainda encontrar no campo da oralidade, ou seja, na memória das pessoas da própria localidade. Quer dizer que, por ainda não haver um trabalho científico sobre a festividade de Nossa Senhora do Carmo na localidade de Vila do Carmo do Tocantins baseado em argumentações teóricas, houve a necessidade de recorrer a uma pesquisa de campo bastante ampla, onde os conhecimentos das pessoas foram e serão de fundamental importância para a continuidade do trabalho, ou seja, a história oral, através de entrevistas e histórias de vida das pessoas foi de grande valor e um dos principais mecanismos de informação para se executar este trabalho.

Sendo assim, essa escassez de documentação nos dá o privilégio de partirmos para uma história onde o grande personagem será o homem simples, aquele que a história positivista sempre esquecera, e é nesse ponto que nossa pesquisa ganha entusiasmo, visto que, é em volta desse personagem que iremos está abordando todo o contexto de nossa pesquisa, uma vez que ao falarmos de uma religiosidade popular, a principio estamos falando daqueles cidadãos que compõem uma sociedade esquecida nos grandes feitos, quer dizer, esquecidos na historiografia. Hoornaert afirma que:

O maior preconceito da historiografia é, justamente, com os atores populares. O paradigma varnhagueniano enfoca ‘a historia dos grandes, dos

poderosos, das instituições que dominam o povo brasileiro (HOORNAERT apud QUADROS 2010, p.123).

Isto quer dizer, que o problema para Hoornaert, segundo Quadros (2010), a respeito da formação de um catolicismo brasileiro, não está propriamente no trato desses tipos de temas, massim, no fato dos historiadores costumarem desprezar os demais autores sociais, pois os sujeitos históricos são todos (QUADROS, 2010).

A escolha do tema partiu da necessidade de se poder registrar um pouco da história de Vila do Carmo, uma vez que, a cada passo que o tempo dá, nossa história vai se perdendo, justamente por falta de registro e, corre-se o risco de ficarmos sem informações precisas, fato que é vivenciado na Vila do Carmo, pois, a mesma é escassa de memória onde muito do que se deveria saber foi-se junto com os idosos que já faleceram. No entanto, isso se torna até um desafio que qualquer historiador gostaria de correr.

No pensar em como começar o trabalho surgiram as dúvidas: por onde então começar? O quê e como fazer? De onde se partirá? Foi então que me nos ocorrer na mente a ideia de procurara Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto, minha professora de várias disciplinas no curso de História, com seus múltiplos conhecimentos e, principalmente, conhecedora das questões culturais da região do Tocantins. Assim, pensamos quem seria a pessoa mais indicada para orientar este trabalho? Ela; sem dúvida, essa decisão seria muito importante para nos nortear na pesquisa e na escrita do presente trabalho, pois considero que seu conhecimento e sua competência são inquestionáveis.

Nestas condições, muitas viagens foram feitas à Vila do Carmo com o intuito de colher informações com as pessoas selecionadas e indicadas para serem entrevistadas. Porém, como se sabe, sempre acontece um imprevisto, visto que em alguns momentos as viagens de pesquisa de campo eram vãs, pois alguns dos possíveis entrevistados que eram contatados anteriormente não se encontravam na ocasião nesta localidade.

Desta forma, é importante destacar que, embora se tenha trabalhado ao longo deste estudo com as entrevistas de apenas algumas pessoas como fonte de pesquisa, muitas contribuíram para a sua produção final, seja pelas informações cedidas através das entrevistas ou das conversas informais, seja por trocas de informações e indicações, ou ainda, pela força que davam para que se continuasse na pesquisa, quando tomavam conhecimento do que se tratava, todos foram de suma importância, foram imprescindíveis para constituição final do presente estudo.

Neste sentido, pretende-se trazer a tona o máximo de informações possíveis sobre Vila do Carmo, e fundamentalmente sobre a festa “do Carmo”, procurando mostrar que é muito gratificante revelar às pessoas que tudo que vivenciam e guardam na memória poder se útil para os registros históricos, culturais e religiosos da sua localidade. Pois, muitas pessoas que já se foram desta vida não tiveram o privilégio de ter conhecimento da história de vida de seus antepassados. No entanto, a partir do lembrar das pessoas que ainda estão entre nós pode nos ajudar a mudar essa realidade ajudando a deixar aos seus descendentes os registros de suas histórias de vida e da localidade onde vivem.

O presente trabalho, História, Cultura e Religiosidade: Devoção a Nossa Senhora do Carmo na Vila do Carmo do Tocantins, no Município de Cametá- PA (2006-2013) está constituído em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “**Catolicismo Popular em Vila do Carmo**”, aborda a festividade “do Carmo” antes das novas perspectivas da prelazia no município de Cametá, uma vez que, essa tirava das mãos das irmandades toda responsabilidade de organização das festividades dos santos padroeiros, assim como trata das expectativas esperadas com a construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo, após a década de 60.

O segundo capítulo, “**Espaço, festa e religiosidade**”, trata da festa “do Carmo” a partir da manifestação do sagrado e do profano, evidenciando como as mudanças a respeito das festas populares apesar de terem sido motivo de muitas discussões, foram bastante positivas. Da mesma forma, discute o aspecto social e físico da Vila do Carmo partindo do contexto religioso, onde a festa torna-se a principal responsável pelas mudanças.

Na concepção de Rosa (2007) a religião, que se manifesta espacialmente, contribui (assim como outros fatores), indiscutivelmente, para a organização e transformação do espaço. Pois, consegue influenciar nas atitudes humanas, que refletem em suas ações sobre o lugar, além de também influenciar suas experiências e vivências na relação com o espaço.

Assim, as análises do presente estudo resultaram de um árduo e cuidadoso trabalho de campo, em buscas de novas respostas, onde as inúmeras entrevistas, contendo relatos orais e histórias de vida dos entrevistados, que generosamente nos deixaram invadir, e até mesmo partilhar suas vidas e afazeres foram de suma importância, pois, além das imagens dos acervos familiares que nos permitiram observar, também consentiram que fossem feitas várias imagens fotográficas, as quais serviram de suporte para a construção do presente trabalho.

Neste sentido, foi extremamente gratificante dizermos que o resultado alcançado foi positivo, pois conseguimos ao final constatar que a mudança espacial da festividade do Carmo

e o grande reconhecimento da festividade foram os principais motivos do desenvolvimento social e físico da Vila do Carmo, uma vez que essa área, onde hoje está localizada a igreja de Nossa Senhora, possui boa estrutura para tal desenvolvimento. E, que as decisões da prelazia em acabar com os bailes e bebidas alcoólicas, fizeram com que as pessoas passassem a frequentar muito mais a igreja durante a festividade, haja vista que, hoje os devotos vão com o intuito de prestigiar o ato religioso. Além disso, a pesquisa nos proporcionou saber que a renda da festividade aumentou consideravelmente sua receita, uma vez que, hoje não se paga mais as bandas musicais e nem as distribuidoras de bebidas, que antes levavam quase todo o capital arrecadado no período da festa.

## **CAPITULO I**

### **O CATOLICISMO POPULAR EM VILA DO CARMO**

## 1.1.OS PIONEIROS NA CONDUÇÃO DA ANTIGA FESTIVIDADE

O catolicismo como uma das vertentes do cristianismo foi à primeira doutrina religiosa a se fazer presente no novo mundo. No Brasil, ele se mostrou a partir do primeiro contato com os povos nativos, ou seja, sua realidade se deu de imediato, logo deixando sua marca na nova terra, é o que vem abordar Oliveira ao dizer que,

as marcas começaram a partir do primeiro nome com o qual foi batizada a nova possessão lusitana ( Terra de Santa Cruz); no ato demandar celebrar a primeira missa de ação de graças; nos nomes das primeiras vilas e sesmarias aqui fundadas ( São Vicente e Santos) e até mesmo na forma tradicional de ocupação do espaço nas cidades brasileiras, que geralmente cresceram tendo como centro a praça onde se destacava a igreja (OLIVEIRA, p.1.2006).

Tal explicação é também reforçada por José Ramos Tinhorão quando descreve com precisão o ritual religioso da primeira missa e o contato dos portugueses com os nativos, passando a partir desse momento o catolicismo a ser expandido na colônia, que tinha como princípio básico disseminar a fé católica aos indígenas, função essa que era destinada as irmandades religiosas (TINHORÃO, 2000).

Segundo Rozendahl,

no Brasil, a participação bastante acentuada das irmandades nas igrejas e o predomínio do aspecto devocional dos fieis, expresso por meio das missões, das romarias, das promessas e das festas dedicadas aos santos, dão um caráter eminentemente social e popular à prática religiosa do catolicismo brasileiro, que, como salientam os historiadores, constitui a cultura religiosa mais original e mais rica que o país já produziu (ROZENDAHL, 2012, p.57).

Nesse sentido, o contato entre diferentes povos com os nativos dessa região, possibilitou uma misturada de crenças e costumes que foram o alicerce para um catolicismo evidentemente peculiar. “Essa cara mais abasileirada que marcou a constituição das Irmandades desde a Colônia” (SOUSA, 2012, p. 43).

Sendo assim, é pertinente considerarmos que o catolicismo popular brasileiro tem suas raízes calcadas nos próprios costumes de nossos colonizadores que o praticavam com as mesmas características, embora com suas particularidades.

Nas afirmações de Brandão,

[...] em Lisboa foi estabelecida uma confraria de São Benedito. Com toda pompa celebrava-se a festa do santo. Na procissão uma multidão de negros escravos desfilavam diante da imagem do santo com estandartes, com velas acesas e tochas coloridas. E de Portugal a devoção se espalhava por todas as colônias [...] No Brasil, o culto iniciou na Bahia, em 1686 [...] foram encaminhados a Roma os estatutos da Irmandade do Bem-aventurado Frei Benedito (BRANDÃO apud SOUSA, 2002, p. 67).

Segundo Oliveira, como a escassez de padres era grande no Brasil, cabia à instituição de leigos, chamada irmandade, tomarem parte do catolicismo. A falta de profissionais que pudesse conduzir o lado sagrado causou no catolicismo oficial, uma nova roupagem, isto quer dizer que,

o catolicismo agora era administrado e adaptado culturalmente pela massa camponesa de origem ibérica ou de índios destribalizados, escravos fugidos ou alforriados, e todo tipo de mestiços, transformando-se assim num catolicismo popular ibérico-americano (OLIVEIRA, 1997 p.46)

#### 1.1.1. DA IRMANDADE A C.C NO DISTRITO DE VILA DO CARMO

Muitos dos povoados que surgiram em torno do santo padroeiro no município de Cametá, bem como em volta do culto e da festa, eram organizados por pessoas ligadas por laços de parentescos, o que originava uma comunidade de irmãos, isto é, uma irmandade. Essas eram associações de leigos católicos que tiveram fundamental importância para a região Amazônica (SOUSA, 2002).

As irmandades religiosas foram as associações de fiéis leigos (irmandades, confrarias e ordens terceiras) que tiveram fundamental importância na organização social do Brasil dos séculos XVIII e XIX. Obtida a aprovação da Igreja e do Império para seu “compromisso” (estatutos), uma irmandade passava a ter também status jurídico civil, podendo possuir bens móveis e imóveis, geridos pelas “mesas administrativas” (diretorias), tendo à frente um

“provedor” ou “juiz”. As irmandades exerceram, além do seu papel religioso, também o de corporações profissionais (de músicos, comerciantes, alfaiates), em geral tendo como titular o santo protetor da profissão (SILVEIRA, 20011).

Em relação à questão religiosa, elas cumpriam um papel fundamental na promoção da fé católica por meio das festas dos santos de devoção, ou seja, essas confrarias eram as responsáveis pelas manifestações das festividades religiosas populares, as festas dos santos padroeiros, e também eram agentes atuantes na construção de capelas e igrejas (NASCIMENTO, 2009).

Segundo Favacho,

no Tocantins, as irmandades [...] multiplicaram-se [...] nas ilhas onde habitava a maioria da população [...] possuíam capelas e barracões erguidos e conservados pelas irmandades. Os santos mais invocados foram São Benedito, nossa senhora do rosário, do Carmo e a do pilar. [...] a maioria das irmandades, porém, são devotadas a santíssima trindade, ao espírito santo e ao menino Deus (FAVACHO apud SOUSA, p.67, 2002)

Em relação à Vila do a Carmo do Tocantins as irmandades também eram as condutoras da festividade local que na época era em homenagem ao Divino Espírito Santo, o padroeiro da localidade, e administrada pela família dos Braga. Tanto que, segundo relato dos mais idosos como, o seu Manuel Maria Sátiro de Melo, mais conhecido como seu Nélio,

...essa Vila era conhecida como Vila dos Bragas, porque foi a família dos Bragas que foram os primeiros moradores daqui, e a festa acontecia aqui nessa parte de cima, só depois é que ela passou ser chamada de Vila do Carmo e festa foi lá pra baixo (entrevista feita dia 05/11/2012).

Já que essa família foi a primeira moradora dessa localidade, conforme afirma o entrevistado, ela ficou conhecida como Vila dos Bragas, e nesse período cultuava-se o Divino Espírito Santo. Fato que também é destacado por Sousa (2002) no que concerne a preferência da maioria das irmandades que cultuavam esse santo, assim como, menciona que a maioria das irmandades no município de Cametá eram devotas do menino Deus, da Santíssima e Trindade e Divino Espírito Santo (SOUSA, 2002).

Salomão Laredo cita em seu livro “**Vila do Carmo do Tocantins: a festa de N.Sr<sup>a</sup> do Carmo paisagens de afetos**”, um trecho do livro de Inácio Batista de Moura, narrando

sua viagem pelo baixo Tocantins, no mês de março de 1897, chamado “de **Belém a São João do Araguaia**”, cuja pagina 113 consta o seguinte:

Passamos em frente a um povoado já arruinado, a que o povo dá o nome de vila dos Bragas, por ser, sem dúvida, este o nome da família dos primeiros fundadores. Este lugar foi a antiga sede da Vila de Nossa Senhora do Carmo do Tocantins. Moura (MOURA apud LAREDO 2007, p.15).

Foi essa irmandade que durante muitos anos conduziu a festa popular ao Divino Espírito Santo, sendo que a comemoração festiva se dava na parte de cima da tal localidade onde estava situada a moradia dessas pessoas. Todavia, o lugar de devoção ocorria em uma pequena capela que, provavelmente, tenha sido construída pelos confrades, isto é, por esta associação religiosa. Contudo, o que se sabe é que onde fora construída a capela foi em um terreno doado por pessoas da comunidade, fato esse que era muito frequente naquela época, pois,

A terra para o santo, seu patrimônio ou o da sua capela eram doados por um ou mais detentores de glebas vizinhas, sob determinadas condições. Destacam-se as de cunho religioso, como rezar missa para o doador e sua família, periodicamente e após a morte. Além da terra, outras ações permitiam a construção de uma primeira capela e, sobretudo, sua manutenção e funcionamento. Para tal, uma administração se impunha e se constituía através de uma entidade específica ou de uma irmandade. A construção do edifício, seu equipamento e guarda ficavam a cargo de seus responsáveis (MARX apud ROSA, 2007,p. 26).

Nessa perspectiva, o terreno para a construção da capela como já mencionado, foi um terreno doado por moradores daquela localidade, que segundo o livro do “Tombo” (1967) em referência a carta de doação do terreno, datada no dia 24 de março de 1924 (LIVRO DOTOMBO, 1967) aborda,

Na beira alta, denominada “Vila de Nossa Senhora do Carmo”, havia e ainda há uma capela, cujo padroeiro é o Divino Espírito Santo. A capela possui um terreno que foi doado no começo do século XIX por Manuel José da Silva Lemos e Martins de Braga para o patrimônio da igreja do Divino Espírito Santo (LIVRO DO TOMBO, 1967).

Nesse sentido, entende-se que, desde o começo até certo período em Vila do Carmo, a festividade era conduzida pelas irmandades, ou seja, desde quando se tinha o Divino Espírito Santo como padroeiro até a Nossa Senhora do Carmo.



Imagem 1: Antiga igreja de Nossa Senhora do Carmo- antes de 1960. Fonte: Acervo do escritor LARÊDO. Salomão, **Vila do Carmo do Tocantins**. Salomão Laredo Editora, Belém: 2007.

No entanto, em outro momento, já com Nossa Senhora do Carmo sendo a padroeira da localidade de Vila do Carmo, a então instituição passa a se chamar Irmandade do Carmo. Segundo Larêdo, “a ordem do Carmo, na Vila do Carmo, era formada pela Irmandade do

Carmo”. “As irmãs desta irmandade usavam, “roupas brancas e amarelas”, cores que simbolizavam a Virgem do Carmo, e o tradicional escapulário” (LARÊDO, 2007, p. 14).

Antes de ter sido conhecida por irmandade do Carmo, supostamente havia um nome para a irmandade, quando ainda se tinha o Divino Espírito Santo como padroeiro, já que essas instituições eram as únicas condutoras do catolicismo popular. Portanto, a denominação de Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, só surgiu após muitos anos de culto ao Divino Espírito Santo. Sendo assim, especula-se que o nome de Irmandade do Divino Espírito Santo, teria sido o primeiro nome dessa confraria. Nesse sentido, não fica evidente se na Vila do Carmo houve participação das duas confrarias, ou se apenas passou-se de um nome para outro. Uma vez que no município de Cameté, conforme destaca Souza (2002), havia várias irmandades, pois, “foram criadas irmandades de santos em diversas localidades na cidade e no interior e o divino espírito santo era um dos santos preferidos para ser venerado” (SOUSA, 2002).

Como dito anteriormente, as festividades e a condução do culto ao santo padroeiro eram funções das irmandades que, por escassez de padres para a região, acabavam organizando todo aparato festivo. No entanto, a partir de certo período, exclusivamente após meados do século XX, a Igreja Católica Apostólica Romana começa a se reorganizar com o intuito de acabar com o dito Catolicismo popular e a participação das irmandades na promoção dos cultos religiosos (REIS, 2010).

Segundo Sousa (2002), a igreja católica começa a criar por todo território de Cameté “comunidades cristãs” (C.C’s), no intuito de substituir as irmandades como principal instituição na condução da prática da devoção do catolicismo popular. Nessa perspectiva a partir das comunidades cristãs o Catolicismo popular sobre o controle Eclesiástico ficou muito mais rígido.

Até os finais dos anos 60 do século passado, as irmandades foram as principais organizadoras de festividades de santo padroeiro, exercendo assim, uma importante função no aspecto administrativo e de organização do povoado [...]. Entretanto, em meados do século XX surge a discussão da criação de outro modelo de organização leiga para os povoados através das comunidades eclesiais de base conhecida como comunidades cristãs, estas- seguindo os ideais defendidos pelo concílio Vaticano II (1962-1965) e das conferências de Medellín e Puebla irão substituir as irmandades na condução da vida religiosa da população católica (SOUSA, 2012, p.20).

Dessa forma, aproximação com Roma, processo que ficou conhecido por romanização ou ultramontanismo, foi a tentativa de autonomia da Igreja em relação ao Estado, bem como a

busca pela necessidade de recolocar-se no campo religioso em mudança revendo sua posição e seu papel, se tornando mais intransigente em matéria de ortodoxia, com isso enfraquecendo o poder das irmandades (REIS, 2010).

No entanto, é na década de 30 e 40 que chegam à Amazônia Tocantinaos primeiros padres vindos da Holanda, para poderem fazer o trabalho de reformulação de um catolicismo que agora estaria de acordo com os ideais da igreja católica, ou seja, um catolicismo oficial (SOUSA, 2012). O Padre Thiago Poels, de origem holandesa, em entrevista ao escritor Salomão Laredo e Laércio filho afirma que,

Ao chegar ao Brasil não conhecia nada e os padres holandeses acharam no mínimo, esquisito, por exemplo, festa de santo com festa dançante. Tudo muito diferente do que havia na Holanda. Era outro tipo de religião católica, muito diferente e não sabiam como lidar com isso, pouco a pouco foram descobrindo maneiras. Ele não entendia muito essa religiosidade de haver missa para o santo padroeiro e depois haver festa e muita bebida, esse tipo de catolicismo popular (POELS, Padre Thiagoapud LAREDO 2007, p. 32).

A chegada do Padre Thiago Poels em Cametá foi em 02/02/1941 e, em 1942 celebrou a missa em Vila do Carmo (LAREDO, 2007). Sendo assim, é então nesse período que começa o processo de destituição do poder das irmandades nas festas populares (SOUSA, 2012).

A região amazônica vai sentir o efeito do processo de romanização católica, quando chegam por essas bandas as associações religiosas que eram permitidas e recomendadas pelo movimento tridentino. Os novos missionários europeus entram nas regiões interioranas. Em 1936, chegam à região os padres holandeses para iniciar o trabalho de pastoral e catequese com dois objetivos básicos: a formação do clero e a evangelização dos pobres a partir dos critérios e princípios do Concílio de Trento (SOUSA, 2012, p.51).

Vila do Carmo a partir desse momento passa a reestruturar-se, de acordo com as normas do clero, já no período de 1949 com o padre Guilherme Hermans no comando da festividade, a remodelação do catolicismo popular e, conseqüentemente, a partir da década de 1960 o começo da construção da nova igreja, ou seja, a própria igreja de Nossa Senhora do Carmo, já que a antiga pertencia ao Divino Espírito Santo.

## 1.2.A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO E AS NOVAS PERSPECTIVAS

É importante ressaltarmos que a necessidade de um lugar que pudesse servir como local de devoção aos santos era de fundamental importância. E, a presença da igreja no que se refere ao ato de prestigiar o santo nesses momentos foi imprescindível. Na Amazônia, ganhou forma peculiar onde o sagrado é manifestado de forma a fazer com que o devoto caboclo cultuasse o santo até mesmo em sua casa. Para Saraiva, “a devoção individual a um santo leva o ribeirinho a prestar suas homenagens de forma isolada, no âmbito de sua residência” (SARAIVA, 2010, p.150).

Isso demonstra uma das principais características de fé do povo amazônico, que ver no catolicismo popular uma maneira de poder ter seus problemas amenizados, já que os santos, nesse catolicismo são os principais meios de se aproximarem de Deus, independentemente do local onde estão sendo cultuados (SARAIVA, 2010).

O catolicismo oficial é voltado para a salvação da alma que fará frente a um “catolicismo em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplantam a salvação da alma. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, [...]. (SARAIVA, 2010, p. 160-161).

A partir da chegada de padre Guilherme Hermans muitas coisas começaram a mudar, agora pautada nas diretrizes impostas pelo Concílio de Trento. A igreja no município de Cameté passa a se reformular entrando em uma nova perspectiva que se pretendiam acabar com as irmandades como sendo as condutoras das festividades. Isso era o principal objetivo, uma vez que essa nova ordem via nas próprias igrejas construídas por essas irmandades algo muito aquém do que se deveria ser como básico para se evangelizar (NASCIMENTO, 2009).

Os marcos construtivos, como as capelas e templos simples e precárias passaram a ser vistas pelo clero, como expressões de um tempo em que a religiosidade se dava por meio de práticas quase pagãs, impuras. Era uma visão da igreja que se pretendia reformadora, romanizada, ultramontana por oposição à igreja dos tempos do padroado Régio, do período colonial, que se fez, quase na totalidade, por meio do empreendimento dos fiéis leigos. A documentação deste período (meados do século XIX) como as portarias e cartas pastorais emitidas por bispos é rica no que diz respeito à necessidade de se reformularem as igrejas ou de se construírem novas matrizes, melhor

equipadas do que aquelas construídas pelas irmandades religiosas, que passam a ser negativamente caracterizada como precárias (NASCIMENTO, 2009, p. 124).

Um dos principais questionamentos que nos levaram a produzir essa pesquisa vem de encontro ao que vamos problematizar, ou seja, que motivos há para que se mude de um local de devoção para outro, tendo como padroeiro o mesmo santo? Na Vila do Carmo tal fato é decorrente de que a capela que foi conhecida como de Nossa Senhora do Carmo, na verdade, pertencia ao Divino Espírito Santo, que era o primeiro padroeiro, sendo que a dita capela passou a ser conhecida como sendo de Nossa Senhora do Carmo no momento que essa santa passou a ser reconhecida como padroeira. Portanto, havia a necessidade de Nossa Senhora do Carmo ter sua própria igreja.

Por outro lado, ao fazermos tal pergunta poderemos ter outros questionamentos, e possíveis respostas, ou seja, é possível sim uma mudança. Pois, em Vila do Carmo na parte onde se começou esta localidade, possui uma estrutura urbana muito restrita, uma vez pensando no crescimento do local, sendo que, existem ainda hoje, apenas duas ruas, o que se tornaria inviável seu crescimento. Neste sentido, assim como a vila vinha crescendo a pequena capela também se tornou pequena demais para a demanda dos devotos que chegavam para prestigiar a festividade. Isso foi pensado a partir da grandiosidade da festa, ou seja, o quanto a festividade de Nossa Senhora do Carmo poderia desenvolver a localidade, conforme se pode verificar em documentos encontrados no local que descrevem muito bem a estrutura da antiga capela,

as paredes da capela são feitas de enchimentos, só a parede da frente é de pedras. Todos os anos antes da festa de nossa senhora do Carmo a sua diretoria mandava remendar as suas paredes, mas a capela se tornou pequena demais (LIVRO DO TOMBO, 1967)

Nessa perspectiva, a partir de tais afirmações, é possível observar quais foram os fatores que levaram a comunidade a trocar o local de devoção. Pois, no momento que se especulou o quanto aquela festividade poderia crescer, passou-se a pensar também na mudança estrutural, ou seja, o que a organização da festa poderia oferecer de melhor para os devotos, uma vez que a própria festa “do Carmo” também crescia.

Na gênese de várias cidades brasileiras, a capela ou igreja se consolidou em uma das primeiras construções do local e uma das mais destacadas; como lembra Murillo MARX7, por exigência da Constituição 687, as Igrejas

Paroquiais deveriam ser edificadas em locais decentes, altos e livres de casas particulares, com amplo espaço em seus arredores, que mais tarde se transformavam em largos ou praças, dando, assim, imponência e destaque para o templo na paisagem da cidade. Essas recomendações determinavam, em boa parte dos casos, principalmente em cidades pequenas e médias, a configuração do espaço urbano, o desenho das ruas, a valorização dos espaços nas redondezas da igreja e demonstravam um exercício de poder (ROSA, 2007, p.83).

Tudo projetado e tendo o aval do então bispo de Cametá, Dom Cornélio Veerman, só faltava escolher o terreno para que a nova igreja fosse construída, esse local deveria ser em lugar com possibilidade de crescimento e o escolhido deveria ser na parte de baixo da vila, o que não foi difícil, haja vista, haver área suficiente para se construir um grande templo.

E, nessa perspectiva a igreja de Nossa senhora do Carmo foi construída. Para tanto, foi escolhido um terreno na parte de baixo da Vila do Carmo, como é conhecida tal setor, para a construção da nova igreja, visto que tal local poderia oferecer melhor edificação para a realização da festividade da santa padroeira, além de se projetar um possível desenvolvimento do da localidade.

A escolha do terreno não foi difícil. Para baixo (para o norte) havia m terreno limpo e plano. O prefeito Nagib Francês, deu o terreno para a sua construção. No mês de maio de 1960 mais de 100 pessoas, entre os quais velhos e crianças homens e mulheres estavam carregando pedra, massa, ficou pronto um pedaço do alicerce [...] organizaram-se concursos, rifas, etc.[...]. E o povo de bom grado contribuía às vezes até com sacrifício (LIVRO DO TOMBO, 1967).

Assim, como aparece registrado no livro do tombo, Rosa também ressalta que, “até mesmo na forma tradicional de ocupação de espaço nas cidades brasileiras, que geralmente cresceram tendo como centro a praça onde se destacava a igreja” (ROSA, 2007, p.83).

A construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo tem início, em 1961, sob o comando do padre Guilherme Hermans eapoio de Ana Gonzaga Laredo, a então líder comunitária escolhida pelo próprio padre, além do auxílio da população, que foi de fundamental importância. Após anos de trabalho, a construção foi concluída em 1966, embora a primeira missa tenha sido celebrada em 1965. Já a novena em homenagem a Nossa Senhora do Carmo foi celebrada pela primeira vezno ano de 1966, durante a festividade em homenagem esta santa, que aconteceu entre os dias 06 e 16 de julho.

A primeira missa na nova igreja, já com teto por cima do altar, foi celebrada pelo padre Guilherme Hermans no dia da festa de 1965, a saber, 16 de julho. E grande foi a alegria do povo, quando no dia 06/01/1966, já toda coberta com torre a igreja foi inaugurada e benta por Dom Cornélio Veerman, bispo de Cametá [...]. E maior ainda foi a concorrência do povo quando pela primeira vez a novena da festa de nossa senhora do Carmo foi celebrada na igreja de nossa senhora do Carmo de 6 a 16 de julho de 1966 (LIVRO DO TOMBO, 1967).

Na vila do Carmo, a igreja tem como data de inauguração o dia 01/07/1961. Contudo, se verificou através da pesquisa que essa data corresponde ao ato de colocação da primeira pedra para sua construção, e conforme fica claro no Livro do Tombo desta localidade a igreja ficou pronta somente em 1966.

A nova igreja passou a ser o marco principal para o desenvolvimento de fato da Vila do Carmo, ou seja, no perímetro onde hoje está localizada a nova igreja foi o que mais se destacou e cresceu nos últimos 60 anos. Ao seu redor também foram construídas praça, escola, posto de saúde.

Naquela época a pequena capela se constituía na construção mais importante e melhor localizada do local, com amplo espaço nos seus arredores, influenciando o desenho urbano e a vida social dos moradores da localidade. Os espaços de negócios, as feiras, as festas, as procissões, estavam e/ou aconteciam no largo da Igreja, na Praça da Matriz, local estratégico e de maior significado em muitas cidades pequenas e médias de nosso país e do Recôncavo Sul da Bahia (ROSA, 2007, p.86)

Por outro lado, de acordo com o livro do Tombo da Vila do Carmo a antiga igreja do Divino Espírito Santo foi derrubada no dia 10 de dezembro de 1967 por se encontrar em péssimas condições, necessitando ser reformada ou reestruturada. Sendo assim, é justificado que na Vila do Carmo o catolicismo vivenciou dois momentos, ou seja, o momento em que se tinha o Divino Espírito Santo como padroeiro, e o qual se passou a ter Nossa Senhora do Carmo como padroeira. Isso tudo quando a festividade na Vila do Carmo ainda se centrava na parte de cima dessa localidade, onde também aconteceu o processo de mudança de padroeiros. Portanto, não foi pelo fato de se ter mudado de igreja que se mudou de patrono.



Imagem 2: Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Fonte: MEDEIROS, fotografia feita no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.

### 1.3. DO DIVINO ESPIRITO SANTO À NOSSA SENHORA DO CARMO.

Nessa perspectiva, retomando o que já se afirmou anteriormente, a Vila do Carmo tinha como padroeiro o Divino Espírito Santo e a primeira igreja pertencia a esse santo, no entanto, após certo tempo deixou de ser, quando o povo passou a cultuar Nossa Senhora do Carmo e tê-la como patrona. Da mesma forma, a igreja que outrora era do Divino Espírito, Santo, se tornou dessa santa.

Em torno de 1897 quando se tem ideia de um lugar onde o pessoal do “centro” vinha tomar banho, e alguém, nas imediações onde hoje está a casa da família Moreira, construiu rústica pousada como abrigo, foi erguida mais adiante desta uma pequena capela ao divino espírito santo, que é o dono das terras dessa região e onde se passou a venerar Nossa senhora do Carmo que

se tornou a padroeira do lugar e onde se começou a rezar ladainha no mês de julho com pequeno movimento dos que vinham do centro para a beira do rio e de quem já se instalara no local com ânimo de morar (LAREDO, 2007, p.15).

Na busca de resposta para a devoção ao Divino Espírito Santo foi encontrada uma versão abordada na pesquisa de seu Cloriolando dos Santos Rodrigues, mas conhecido como seu Marajó, membro do conselho Pastoral de Vila do Carmo, cuja produção é proveniente do curso de formação para leigos, que o mesmo cursou no Seminário de São Vicente de Paulo, na Prelazia de Cametá, referente ao aspecto religioso em Vila do Carmo. Neste estudo seu Cloriolando Rodrigues destaca que,

a imagem do Divino Espírito Santo foi doado por uma família que morava em uma ilha do baixo e que festejavam esse santo lá, então resolveram doar para ser festejado em vila do Carmo, aqui ainda conhecida como venda dos Bragas. Por muitos anos foi festejado o Divino Espírito Santo, só depois de muitos anos é que começou a devoção a Nossa Senhora do Carmo (Cloriolando dos Santos Rodrigues, seu Marajó, membro do conselho Pastoral de Vila do Carmo, entrevista realizada no dia 04/08/2013).

Naquela época era muito frequente, nas comunidades Amazônicas, que imagem de santos cultuados fosse santos particulares, de propriedades familiares. Em outras palavras, os santos eram homenageados nas próprias residências, ou seja, pertenciam a um dono ou uma família, de uma determinada comunidade, ou então eram doados por uma pessoa de outra parte, neste caso o festejo em honra ao santo tinha um caráter mais social.

A devoção aos santos e a realização de festas tem características peculiares, posto que existe o santo de devoção que são individuais e existe o santo padroeiro da comunidade. A devoção individual a um santo leva o ribeirinho a prestar suas homenagens de forma isolada, no âmbito de sua residência e/ou capela; já os santos padroeiros entram no calendário festivo das comunidades. Passam a ser comemorações coletivas de uma crença que perpassa apenas um indivíduo, chegando a congregar toda comunidade em torno daquele santo (SARAIVA 2010, p.150).

Em pesquisa realizada na localidade de São Benedito de Barreta, (MAUÉS, 2011) destaca que nesse local o santo padroeiro veio proveniente a doação de uma moradora, cujo nome deste santo denominou a localidade, posteriormente, foi trocado por outro santo, no caso Santo Antônio.

Segundo Saraiva, uma vez ocorrendo essa tradição existiria um santo de devoção de algum morador para festejar e celebrar (SARAIVA, 2010, P.152).

Pois o acreditar e o festejar estão juntos dentro de vários rituais que fazem parte do festejo. E a figura do santo padroeiro e das demais crenças do grupo ocupam papel de destaque no cotidiano da comunidade, visto que é muito difícil uma comunidade não possuir seu santo padroeiro (SARAIVA, 2010, P.152).

Partindo dessa discussão, não é de se estranhar que a partir de certo período, não se sabe exatamente qual, na Vila do Carmo o santo padroeiro anterior, Divino Espírito Santo, tenha mudado, se elegendo Nossa Senhora do Carmo como nova padroeira. Não há explicação precisa de quando esta santa passou a ser homenageada nesta Vila, muito menos o período exato de construção da antiga capela. Tal indecisão na resposta sobre a construção desta capela ou da sua origem é porque ainda não se encontrou registros documentais esclarecendo esta data. Pois, as evidências aparecem de forma inexplicável no livro de Tombo do distrito do Carmo, que é datado de 25/12/1967, o qual destaca apenas que da,

Igreja do Divino Espírito Santo não se sabe a origem nem o início de devoção a Nossa Senhora do Carmo. Pois há anos não se usa mais o padroeiro da igreja, mas nossa senhora do Carmo (LIVRO DO TOMBO, 1967).

Já em relação à origem de devoção a Nossa Senhora do Carmo, existem algumas versões que explicam a vinda e a origem do culto a tal santa. Uma destas versões é explicitada por Salomão Laredo, segundo a qual a santa teria sido trazida de Portugal para a localidade de Carapajó. Laredo ressalta que vieram três imagens de Nossa Senhora do Carmo, duas ficaram Carapajó e uma foi encaminhada à Vila do Carmo.

Dona sinhá (Raimundinha), contou que foi seu tio-avô Gentil Bittencourt quem trouxe três imagens de Nossa Senhora do Carmo, de Portugal, para o Brasil. Vila do Carmo então recebeu sua imagem de roca de Nossa Senhora do Carmo, conhecida como Nossa Senhorinha, aquela que sai nas procissões, doada por Gentil Bittencourt (LAREDO, 2007, p. 23).

Outra versão é relatada pelo Sr. Cloriolando Rodrigues, cuja afirmação se remete ao caso de um senhor que peregrinava com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, que ao pernoitar em uma das casas da povoação de Vila dos Bragas, atual vila do Carmo, teria doado

uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, que foi escolhida pelo povo com muito carinho e fervor, que a elevou a categoria de padroeira da localidade.

Na concepção de Maués (2011), as preferências por santo, ou as trocas de um santo por outro, apesar de parecerem simples eram muito complicada, justamente pelos castigos dos santos milagrosos. No entanto, há argumentos justificando essas preferências e voltados para o lado do poder, sendo que, um santo poderia, de acordo com mentalidade da Comunidade, ser mais milagroso que outro, ou então, fazer coisas que outro não poderia fazer, pois alguns destes santos, representados por suas imagens fazem o papel de santos protetores ou patronos de alguns ofícios desenvolvidos pela comunidade (GALVÃO, 1976).

A imagem de um santo possui grande importância para uma comunidade, uma vez que, acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidades de milagres e de maravilhas que outras idênticas não possuem. Por exemplo, a imagem de nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, é revestida de uma aura de misticismo e poderes especiais a ela atribuídos, fazendo com que a mesma seja venerada (GALVÃO, 1976). Da mesma forma, acontece com nossa Senhora do Carmo, que com seus milagres tornou-se protagonista da Vila do Carmo e patrona da festividade, voltando-se, portanto, para ela crenças e vereações do povo dessa vila.

Nessa perspectiva, destaca-se o relato de uma moradora chamada Eliene Barros Medeiros, moradora da cidade Cametá, porém, natural de Vila do Carmo que teve uma graça alcançada. A mesma relata que,

Durante certo período estive com um problema sério de saúde, chegando até a ser marcada uma cirurgia. Estava desesperada, não sabia mais o que fazer. Tudo me tirava o sossego. Foi então que, durante uma celebração na igreja de N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo, tive a sensação de que Ela estava conversando comigo. E, naquele momento, eu fiz um pedido, que se ela me curasse daquela doença, sem que fosse precisooperar eu daria um depoimento no dia de sua missa. O tempo passou e quando voltei para fazer os últimos exames, havia acontecido um milagre, eu estava curada. Naquele momento, só pensava em pagar minha promessa. Chegou julho e, finalmente, o dia da missa. Porém, não foi possível dar tal depoimento durante a mesma. Mas, a tarde fui à procissão e, lá, aconteceu um fato incrível, fui entrevistada pela TV Tocantina para falar sobre minha fé. E, então, fiz mais que o previsto, dei o depoimento, não só para quem estava presente à missa naquele dia. Falei para praticamente o município todo. E, se eu já era devota de N. Senhora do Carmo, hoje sou mais ainda. (Eliene Barros Medeiros, Vila do Carmo, entrevista realizada com no dia 23/07/2013).

Para Galvão, essa prática de culto ao santo é justificada como,

um padrão de atitudes e de relações para com o santo que se define sob a legenda do respeito. [...] a relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte no contrato, o santo fará o mesmo (GALVÃO, 1976, p 42).

No catolicismo popular os santos são os grandes ícones, pois, é neles que o povo, durante o ano e principalmente no período da festividade, deposita toda sua esperança de melhores situações de vida. É através deles que se tenta uma maior aproximação com Deus (GALVÃO, 1976).

Nossa Senhora do Carmo, em Vila do Carmo, assume esse papel, uma vez que, nela o povo, por meio da fé, descarrega grande esperança, por ela representar o papel da santa protetora. Sua festividade é o momento em que muitos devotos, mesmo estando longe da Vila, fazem o maior esforço para vir prestigiar a festividade e poder pagar as promessas alcançadas, já que consideram Nossa Senhora do Carmo como uma santa muito milagrosa e poderosa. Neste sentido, o senhor Cloriolando Rodrigues narra um acontecimento que se deu na ilha Moiraba:

Em uma das peregrinações de nossa senhora do Carmo pela ilha Moiraba, o moço que levava a santa ao tentar entrar com a santa em uma casa de um senhor comerciante foi impedido de entrar com a mesma. No outro dia a casa do comerciante foi para o fundo perdendo tudo que havia nela (Senhor Cloriolando Rodrigues, entrevista feita em vila do Carmo, no dia 04/08/2013).

De cardo com Saraiva, os festejam se caracterizam por serem manifestações de fé, de agradecimento por benefícios alcançados e renovação dos pedidos feitos a imagem do santo protetor (SARAIVA, 2010).

Acredita-se firmemente que, se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. Aqueles que custeiam as despesas das festas têm a convicção que o santo retribuirá esse sacrifício (GALVÃO, 1976, p.31).

Assim sendo a festa de Nossa Senhora do Carmo tem seu início no dia 06 de julho e seu término no dia 16 de julho do mesmo. O período do festejo é um momento especial para o povo, pois, todos se preparam com o melhor dos intuitos para esperar o momento do círio, e

principalmente, o dia da missa ou dia da festa, como dizem os mais antigos. É nesse período que arrumam suas casas para esperarem familiares e amigos vindos de outros lugares, se preparam espiritualmente, bem como economizam para que nesse dia possam desfrutar da festa da melhor forma possível.

Atualmente existem duas de suas imagens na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, sendo uma grande e uma pequena. A imagem pequena é a mais cultuada pelo povo durante o período da festividade em honra essa santa na Vila do Carmo. Uma vez que esta imagem é levada em procissão pelas ruas dessa localidade e de outros locais vizinhos. Isso no início, na abertura da festividade em honra a essa santa, que acontece no dia 06 de julho, e no encerramento, no dia 16 do mesmo mês, conhecido como o “Dia da Festa”, quando acontece uma animada missa campal.

Segundo Laredo (2007) foi de grande importância para o padre Thiago Poels ter tido informação de um holandês que já estava na Amazônia há mais tempo, visto que daquele catolicismo, como já disseu próprio padre, não conseguia entender.

Olhe padre, para esse povo, é muito importante haver a festa em torno do santo, pois é a única chance que tem de lazer. Eles podem até tomar água na cuia, mas bebem guaraná no copo, cerveja; também, podem andar esfarrapados, mas na festa põem a melhor roupa, durante a festa eles se igualam ao rico, se trajam diferente, arrematam bens, compram as coisas é o dia em que se tornam importante iguais aos que tem mais condições...achei razoável a explicação e pude entender e compreender mais o povo e por isso, ainda estou por aqui por esta Amazônia ( LAREDO, 2007, p.39).

Aquele catolicismo que os Padres conheciam estava distante do catolicismo praticado na nossa região. No entanto, eles tiveram a necessidade de se adaptar, pois seria muito difícil fazer com que o povo deixasse de praticá-lo, visto que seria o mesmo que deixasse sua tradição cultural de lado, já que são os próprios santos que compõem esse cenário e que são os próprios motivos desse catolicismo chamado popular, e que está impregnado no cotidiano do caboclo amazônico (SARAIVA, 2010).

As instituições religiosas [...] traduzem os padrões sócio-culturais característicos do ambiente regional. Organizado na base do pequeno grupo local, povoado, o sítio [...], o catolicismo do caboclo é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade (GALVÃO, 1976, apud SARAIVA, 2010, p.161).

Portanto, embora não fosse o que esperavam, os padres holandeses ao chegarem a Amazônia, foram obrigados a acolherem tal catolicismo. Mesmo sabendo que para o concílio de Trento isso seria uma prática vista como inadequada aos padrões de Roma. Já que a intenção era mudar a antiga estrutura religiosa, o que seria inviável, pois o mais óbvio seria adapta-se da melhor forma possível, mesmo que para isso fosse necessário fingir ser o certo para eles (NASCIMENTO, 2009).

Apesar de o culto aos santos não enquadrar-se perfeitamente aos intentos tridentinos de purificação dos atos religiosos e das tentativas de separar religião e magia ao longo dos séculos XVIII e XIX, a igreja reformadora fez vista grossa a esses arranjos por demais populares e pouco oficiais (NASCIMENTO, 2009, p.128).

Desta forma, embora, todos os meios criados pelo concílio de Trento no intuito de ofuscar o catolicismo popular fazendo com que as populações amazônicas viessem deixar suas crenças de lado, não foi o suficiente, haja vista, essa prática já fazer parte da mentalidade desse povo (ROSA, 2007). E, no caso a imagem de Nossa Senhora do Carmo em Vila do Carmo, conhecida como mãe daquela localidade, é exemplo claro, demonstrado por meios das graças retribuídas a grande resistência do catolicismo popular e o porquê do apego à santa.



Imagens3 e 4: As duas Imagens de Nossa senhora do Carmo. Fonte: MEDEIROS, fotografia feita no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.



**CAPÍTULO II**  
**ESPAÇO, FESTA E RELIGIOSIDADE.**

## 2.1. O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA DO CARMO

O catolicismo popular é uma manifestação religiosa que tem como principal característica as festas dedicadas aos santos padroeiros, e rituais religiosos, como por exemplo, as procissões, as missas etc. os quais têm como objetivo aproximar o ser humano dos seres divinos. Essa prática é marcada pela manifestação do sagrado, fazendo com que o homem organize seu espaço dando-lhe sentido e valor (ROSA, 2007).

Nesse sentido, quando o sagrado se manifesta no espaço, quebrando sua homogeneidade, se cria um “ponto fixo”, que se constitui no “centro do mundo”, um lugar sagrado, onde o divino se revela, se mostra e tem o poder de aproximar o homem de Deus. Esse espaço sagrado, no entanto, não é escolhido pelo homem, ele se revela ao homem através de uma hierofania. Dessa maneira, isso significa “que os homens não são livres de *escolher* o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que *procurá-lo* e *descobri-lo* com a ajuda de sinais misteriosos.” Quando o sagrado se manifesta, quando ocorre uma hierofania, ocorre a transformação do espaço comum em espaço sagrado, e ele tem uma força especial que o torna extraordinário e único, marcando o início de uma (re) organização do espaço em função da sacralidade e, por contraste, do espaço profano envolvente (ROSA, 2007, p. 47) .

Segundo Saraiva (2010, p. 148), “sejam as práticas do catolicismo oficial, sejam as manifestações de religiosidade popular, ambas se sustentam em alicerce comum: a noção do sagrado”. Essas festividades populares, uma vez tendo o sagrado como o principal motivo das comemorações, manifestam-se a partir das vivências e das práticas religiosas dos devotos, que, com sua fé, tentam aproximar-se o mais possível de Deus, principalmente, no período de comemoração da divindade que estão homenageando.

As festas religiosas são manifestações culturais que ocorrem na área urbana e/ou rural num determinado tempo sagrado, num tempo que para o homem religioso é qualitativamente diferente do tempo cotidiano, pois é um tempo santificado e reversível, que tem valor significativo e que consegue aproximar o homem comum de um campo de força divino, extraordinário, principalmente quando esse tempo ocorre num espaço sagrado, imprimindo ao local das festas uma dinâmica diferente dos dias comuns, (re)organizando

o espaço a partir do sagrado e tornando-o, simbolicamente, mais importante e significativo para aqueles que participam das festas e rituais religiosos (ROSA, 2007, p.134).

Sendo assim, conforme afirma Mircea Eliade, como o sagrado é uma manifestação religiosa que acontece em determinado tempo e espaço, traz consigo outro fenômeno que age quase que na mesma proporção, isto é, o aspecto do profano. Pois, tanto a noção do sagrado quanto do profano estão interligados, sendo que o segundo acontece em detrimento do primeiro, todavia, apenas sendo perceptível em um campo religioso (ELIADE, 1992).

A discussão do sagrado envolve, conseqüentemente, o profano e mesmo que estas duas dimensões pareçam opostas, estão fortemente correlacionados, pois "... a ideia do profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe à noção do sagrado". Essa oposição liga as duas referidas categorias de forma necessária, numa estreita correlação. (SERRA, 1999 APUD, ROSA, 2007, p. 47).

Na vila do Carmo, lócus do presente estudo, esses aspectos são possíveis de serem observados, principalmente no período da festividade de Nossa Senhora do Carmo, que tem seu início no dia 06 de julho indo até o dia 16 do mesmo mês. Portanto, a partir desse momento passa-se a vivenciar nessa localidade a manifestação do sagrado onde o povo se prepara para vivenciar a tão esperada comemoração, "o dia da missa".

Na concepção de Eliade, isso vem representar a não homogeneidade do tempo, a roturas, sendo que para o homem religioso, o tempo comum pode ser parado periodicamente, ou seja, o tempo ordinário apresenta alguns intervalos que o deixa mais próximo de Deus, o período das peregrinações, novenas, isto é, as festas religiosas etc., pois são intervalos de tempo carregado de significados e, qualitativamente, diferente de outros tempos. Sendo, pois, durante esse período de tempo sagrado, recuperável e reatualizado periodicamente pelas festas religiosas, que esse homem consegue vivenciar o sagrado e sentir a presença do divino com maior força e dimensão (ELIADE, 1992).

Desta maneira, muito embora, para o homem religioso a festa popular tenha seu lado profano muito fortemente ligado com o ato religioso, o que está em prioridade aqui, é o fato de nesse período esse homem poder se sentir o mais próximo de Deus. E, nesse sentido, o religioso que venera Nossa Senhora do Carmo pode sentir isso da forma mais intensa.

### **2.1.1. AS MUDANÇAS NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO**

Neste tópico iremos abordar a festa de Nossa Senhora do Carmo, da vila do Carmo, município de Cametá, a partir dos aspectos profano e o sagrado, relacionando-os diretamente à festividade “do Carmo”, como é denominada corriqueiramente pela população local.

A festa do Carmo, assim como qualquer outra festa popular do baixo Tocantins, é marcada por momentos denominados pré-festa e o momento da festa em si. Ou seja, assinalada por ritos que a especificam como própria de um catolicismo popular, onde as pessoas da localidade tem o prazer de participar, mesmo que indiretamente. “Ninguém era excluído da festa do santo padroeiro [...] fosse para construir barracão da irmandade na forma de convidado ou mutirão; fosse na condição de dançante ou irmão de promessa” (SOUSA, 2002 apud SOUSA 2012, p. 28).

A pré-festa acontece antes do início, a qual envolve a divulgação por meio do programa festivo, o enfeite das ruas, da praça, da igreja, do centro comunitário, limpeza das ruas, a própria pintura das casas que as pessoas fazem questão de deixá-la bonita a espera dos familiares e amigos, bem como, a própria transladação que ocorre três dias antes da primeira noite, como dizem os mais velhos, no caso no dia 06 de julho de cada ano.

O momento propriamente dito da festa acontece entre os dias 06 e 15 de julho, também conhecido como novenário. O ápice desta festividade ocorre no dia 16 de julho com uma missa campal, no entanto o início da festividade se dá com o anúncio de um explodir de fogos ao qual o povo denomina de alvorada em 06 de julho. Essa alvorada, que antes ficava a cargo da comunidade local, passou a ser organizada, há mais ou menos 5 anos atrás, por uma equipe de futebol conhecida como Verona. Os membros da mesma se doam ao máximo para poder fazer do momento um ato emblemático para marcar o começo da festividade, pois é apenas essa alvorada que acontece durante a festividade, daí a motivação para se fazer um momento marcante. Todavia a participação da comunidade é muito importante tanto na participação direta do acontecimento, quanto com doações de alguma coisa útil para o momento.

Nesse viés, um exemplo direto e claro da relação entre profano e sagrado é visto nessa própria alvorada, que acontece no dia 06 de julho, ou seja, na madrugada desse dia marcando o início da festividade, onde moradores da localidade reúnem-se na parte “de cima” da Vila do Carmo, ao som de músicas, chocolate, mingau, muita bebida alcoólica, etc. E, em seguida,

já amanhecendo, saem em procissão cantando músicas sacras até a igreja de Nossa Senhora do Carmo, ato muito bonito de ver. Essa é uma manifestação que envolve tanto o profano como o sagrado.

Desde o início das festas populares no baixo Tocantins criou-se o costume de comemorar o santo padroeiro com muita festa. Festa esta, que estava mais voltada para o lado profano, com a participação de bandas musicais, seguida de muita farra, com bebida alcoólica (SOUSA, 2012).

Para muitos devotos esse era o momento mais esperado da festa, principalmente, para aquele devoto que mora na localidade, que se prepara durante os meses que antecedem a festividade, com o intuito de, no período da mesma, poder comemorar da melhor forma possível, ou seja, a seu modo.

SOUSA menciona a importância das festas e ligação entre esses dois aspectos nas festas populares,

festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina da vida diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e divertir (SOUSA, 2012).

Em Vila do Carmo tais práticas também foram vivenciadas durante muitos anos. No entanto, quando a prelazia de Cametá, após observar que as festividades dos santos estavam saindo do controle no interior do município, pois, as comunidades estavam priorizando muito mais o lado profano que o sagrado, procurou maneiras de inibir, em parte, os aspectos profanos destas festas. Portanto, por volta de 2006 e 2007 as comunidades cristãs do município ficaram incumbidas de extinguir, em período de dois a três anos, os bailes festivos com bandas musicais e bebidas alcoólicas nos salões comunitários.

O padre Raimundo Nonato, administrador da C.C de Vila do Carmo, em entrevista feita para este estudo, fala sobre as festas profanas:

[...] a prelazia de Cametá fez uma pesquisa no município e chegou a conclusão que as comunidades estavam trabalhando somente para as distribuidoras e para pagar as bandas musicais, além do mais existia muita briga nas festividades, e isso foi um grande agravante para as mudanças, mas elas já vinham sendo pensadas a algum tempo ( Pe. Raimundo Nonato, administrador da C.C de Vila do Carmo, entrevista feita no dia 08/08/2013)

No princípio, essa decisão causou descontentamento em algumas comunidades porque os organizadores e grande parte da população diziam, que estas comunidades não poderiam se manter sem os bailes, uma vez que alegavam que era através daquele tipo de festa que conseguiam recurso para manter as demandas das C.C's. Segundo relata SOUSA,

algumas comunidades aderiram à recomendação imediatamente, outras estão se adequando anualmente, porém há aquelas que resistem mais. É claro que, em ambos os casos, os comunitários se dividem entre as opiniões de quem é a favor e de quem é contra. [...]

Por outro lado, há outras preocupações nesta discussão, que não são apenas a preferência pelo profano ou religioso. Entre essas, a maior é a respeito da diminuição da receita da festa, pois a grande arrecadação provém do lado profano, isto é, provém do baile com tudo que está inerente a ele (SOUSA, 2012, p. 33).

Porém, no caso de Vila do Carmo a resposta foi positiva. Ao inquirir o padre Raimundo Nonato se a decisão de acabar com os bailes festivos tinha sido ruim para a comunidade, este respondeu:

...em todas as comunidades são positivas, se formos levarmos para o lado financeiro é positivo e, se formos levarmos para o lado religioso mais ainda, porque as novenas acontecem de fato com o povo com o objetivo de querer rezar, de pagar sua promessa, ou de estar em sintonia com deus, é muito positivo. As comunidades que se anteciparam, o resultado é positivo. As mudanças ainda estão acontecendo, algumas comunidades vão levar tempo para se adaptarem, porque o foco delas o jeito, eu digo assim. Esse modelo de festa que nós tínhamos e algumas comunidades ainda têm, é essa festa que se prepara para promover uma festa profana, o grande acontecimento não estar diretamente relacionado a missa, mas está direcionado ao salão. Mas eu digo uma coisa aquelas comunidade que se prepararam tem um lucro muito maior do que aquelas que ainda praticam a festa com bebidas e bandas nos salões (Padre Raimundo Nonato, administrador da C.C de Vila do Carmo, entrevista feita no dia 08/08/2013).

Na vila do Carmo durante esse período de carência a comunidade procurou da melhor forma possível adaptar-se imediatamente porque esse forte lado profano não estava mais condizendo com os interesses da prelazia. Conforme pode ser verificado no documento a seguir:

a preocupação pastoral da prelazia com as festas de padroeiros tem aumentado na mesma proporção do aumento do consumo de bebidas alcólicas, e da violência dentro das festas. Este é um problema pastoral que,

algumas dioceses já resolveram e que, nós, devemos enfrentar com coragem, apesar da oposição de algumas pessoas (Festa de padroeiro, Prelazia de Cametá, 2008, p.02).

Na festividade de Nossa Senhora do Carmo existiam vários momentos em que o profano estava atrelado ao sagrado. Para demonstrar como isso acontecia será usado como exemplo, o período mais emblemático em uma festividade, o dia da missa. Esse, para os devotos é o momento mais marcante e mais esperado, onde o povo vivencia como sendo o apogeu da festividade. Neste momento a relação entre o sagrado e o profano demonstrava-se muito estreita. Pois, logo após o ato sagrado da missa campal o povo reunia-se no salão comunitário ao som de músicas e bebidas alcoólicas para prestigiar o leilão dançante, como era conhecido esse momento. À noite, acontecia o baile dançante (SOUSA, 2012).

Contudo, nos dias de hoje ainda existi o leilão dançante, embora não seja nas proporções de antes, pois não acontece mais o consumo de bebidas alcoólicas. Embora, o povo ainda se reúna para participar do ato do leilão de oferenda, como é conhecido no local.

Nessa perspectiva, é importante sabermos que o profano não era e não é marcado apenas com os bailes dançantes e bebidas alcoólicas, existem fatores que ainda fazem parte desse aspecto, como afirma Rosa (2007),

O sagrado e o profano coexistem no mesmo espaço, sendo que no tempo sagrado não dá para definir com clareza onde termina um e começa outro, não dá para definir as fronteiras de um e de outro, principalmente em momentos em que se reuni um número muito grande de pessoas [...], porém quanto mais se afasta dos símbolos considerados sagrados, como a igreja, a gruta ou a fonte, o profano se materializa cada vez mais no espaço. O espaço profano é montado ao redor do espaço sagrado, havendo assim, uma inter-relação entre eles (ROSA, 2007, p. 49)

Sendo assim, com todas as mudanças feitas nas festividades dos santos padroeiros ainda ficou resquícios do forte laço entre o profano e o sagrado, embora, tenha havido uma considerável mudança. Neste sentido, ressalta Rosa (2007), o profanismo sempre fará parte dessas festividades. Nesse viés, o profano e o sagrado são manifestados a partir de suas correlações.



Imagens 5 e 6: Momento profano da festa. Leilão de oferenda, que acontece após a celebração da Missa Campal de Nossa Senhora do Carmo. Fonte: MEDEIROS, fotografias realizada no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.





Imagem 7: Praça da Vila do Carmo, após a Missa Campal de Nossa Senhora do Carmo. Fonte: MEDEIROS, fotografia realizada no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.

Após alguns anos, já adaptada à nova perspectiva, conforme a avaliação do padre Raimundo Nonato, o povo sentiu também, que de fato, a mudança foi positiva. Hoje já se acostumou, muito embora, ainda se pratique durante o momento religioso, muito do que é profano, pois como já dito ambos são indissociáveis.

Dona Maria de Lourdes Barros Medeiros, moradora da referida Vila, e entrevistada da pesquisa que originou o presente estudo, faz a sua avaliação a respeito do que ela mesma denomina de festividade sem bebidas alcoólicas,

... Hoje em dia essa festividade melhorou muito, muito mesmo. Porque as pessoas agora saem da igreja e vão para o centro comunitário, pro leilão ou comprar alguma coisa pra se comer, ou mesmo vão para suas casas, almoçar, para depois voltar pra jogar o bingão e não acontece muito do que acontecia há alguns anos atrás, antes da lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas, que nem bem terminava a missa e as pessoas já estavam porre, se

empurrando dentro do salão, na praça e nos botecos e dando prejuízo pro outro. Hoje, já não dão tanto dinheiro pras distribuidoras de bebidas, como antes, mas sim pra igreja (dona Maria de Lourdes Barros Medeiros, moradora da Vila do Carmo, entrevista realizada em 25/08/2013).

Isto quer dizer que hoje ao final das celebrações da festividade de Nossa Senhora do Carmo, os devotos seguem até o salão comunitário onde acontecem programações que envolvem apresentações culturais, jogos de bingos, vendas de comidas, além de outros. Isso, no entanto, repercute na saída que a C.C local encontrou para arrecadar fundos durante a festividade. Nesse sentido, fica claro que essa prática é mais uma resposta positiva da correlação e existência entre os aspectos sagrado e profano e, que com essas características é aceito pela prelazia.

Nessa perspectiva encontraram-se alguns requisitos que são propostos pela prelazia como aceitáveis em uma festividade:

Organizar a programação social da festa com noites culturais, shows religiosos, leilões americanos e outras atrações, procurando ser criativos em prol da abstinência alcoólica (...)

Escolher com critérios as músicas: evitar música com duplo sentido, letras eróticas ou que fazem apologias da violência ou das drogas.

Substituir essas bandas caras por músicas ao vivo, tipo: voz e violão, bandas católicas.

Durante a festividade, cada noite um tipo de música diferente, por exemplo: *música infantil*, músicas regionais, forró, carimbo, MPB, músicas religiosas, *etc.* e, manifestações culturais Prelazia de Cameté (Relatório da Prelazia de Cameté, 2008 apud SOUSA, 2012, p. 113-114).

Em entrevista com seu Manoel Maria Coelho, mais conhecido popularmente como Tucunaré, presidente da comunidade cristã de Vila do Carmo entre os anos de 1988 e 1993, este afirma o seguinte:

nós passamos a fazer a festa sem bebida consciente de que se não desse margem também não daria prejuízo. Muitas comunidades que não se prepararam, que não buscaram essa experiência ficaram no prejuízo. Aí se você perceber passa a vir o velho, a criança o jovem todo mundo vem no dia da festa. Velho vem com certeza; né? E hoje todo mundo participa. Agora tem uma coisa muito interessante que eu achei, e até eu estava comentado. Foi que a igreja fez essa mudança e até hoje eu nunca vi um jovem querer saber porque que tiraram a bebida da festa, questionar brigar, agora velho

hum nem fala, eles brigam, eles falam era tradição, e eu falei pra uma senhora: minha senhora isso não é tradição da festa do Carmo, tradição é o círio, é a missa, é o bingo, é as barracas. A festa do Carmo com barracão começou em 1979, o ano em que foi inaugurado esse centro comunitário. Lá em cima não tinha barracão, as festas eram em barracões particulares, então não era tradição de 100 anos, não (Sr. Manoel Maria Coelho, entrevista feita no dia 23/08/2013).

Durante a novena de Nossa Senhora do Carmo a celebração fica a cargo das C.C's de outras localidades, porém, toda organização é de responsabilidade da C.C local, tendo o conselho paroquial como o grande responsável por esse aspecto organizativo.

Hoje, a Comunidade Cristã de Vila do Carmo conta com uma organização bem mais acentuada, haja vista, contar com várias pastorais bem estruturadas, entre as quais está: pastoral do dizimo, do batismo, da catequese, da criança, da juventude, da crisma, que discutem sobre os problemas referentes a C.C, e que desempenham papel fundamental, tanto religiosos, quanto sociais, tendo como administrador o próprio padre Raimundo Nonato.

Hoje a comunidade é a matriz de Nossa Senhora do Carmo, e quem coordena é o padre com o conselho, o conselho é formado por pastorais, cada pastoral manda seu representante um ou dois para formar o conselho e esse conselho que administra a vida da comunidade. Não temos mais coordenadores nem presidentes, tudo é o conselho que administra, quem orienta tudo é o administrador, no caso hoje administrador, no outro ano se deus quiser já seremos paróquia e só vai mudar o nome de administrador para pároco. É assim que funciona. Cada comunidade se organiza na base pelas pastorais (entrevista feita com o padre Raimundo Nonato no dia 08/08/2013)

Assim, para as tomadas de decisões de qualquer que seja a prioridade, a comunidade cristã chama um ou dois representantes de cada pastoral, o que formam o conselho para discutirem que alvo desejam alcançar, sempre sob a intercessão do Padre Raimundo Nonato.

É importante mencionar que a festividade de Nossa Senhora do Carmo conta com um ato religioso muito prestigiado, bonito e bem recente, surgindo há 10 anos, que é o Círio das Crianças, visto pelo povo Carmoense como sendo um sinal de fé e devoção a Nossa Senhora do Carmo. O Círio das Crianças é realizado no primeiro domingo da festividade, portanto sua data em relação ao dia do mês varia, ou seja, o domingo pode ser em qualquer dia do mês porque a festa do Carmo tem uma data fixa, ou seja, sempre se dará dia 16 de julho. Nele se vê não só a participação das crianças mais também dos pais que as incentivam com as melhores das intenções a prosseguirem com o culto a Nossa Senhora do Carmo. Maria

Vanderleia Almeida Medeiros, residente em Vila do Carmo, devota de Nossa Senhora do Carmo, mãe de uma das crianças que participa desse círio afirma,

...esse círio é muito importante, porque é uma forma de fazer com que a devoção a nossa senhora do Carmo permaneça viva e eu sempre incentivo minha filha a participar, sem contar que ela mesma tem vontade de participar porque ela se senti importante, sendo que nele tem também os guardas de nossa senhora como no círio oficial e ela é uma das guardas. Sem conta que isso serve como uma preparação para que ela no futuro participe como guarda do círio grande como a irmã mais velha dela participa (Sra. Maria Vanderleia, entrevista feita dia 10/08/2013).

Segundo informações dos entrevistados da pesquisa, este círio foi introduzido na festividade “do Carmo” pela senhora Marlene Medeiros, uma devota e comunitária da C.C local. Dona Marlene Medeiros percebeu que as crianças não tinham um momento privilegiado durante a “festa” para que pudessem também manifestar sua fé, então resolveu criar o Círio das Crianças, já que elas frequentavam a igreja durante o ano todo, e durante a festa, considerado como um dos momentos mais sublime praticamente ficavam de fora. A partir daí ela defendeu um momento exclusivo de participação das crianças na festa,

Eu fui pra Belém e lá eu participei do círio das crianças, ainda não existia pra cá; Né? Então nós saímos atrás de patrocinadores, no caso da banda, da imagem, ou melhor, da imagem não foi patrocínio, foi uma doação da imagem, porque não é a imagem original, já é a terceira imagem que é doada [...]. O objetivo nosso é permanecer com as crianças na catequese, não deixar que elas saiam da igreja, pra que no futuro elas possam ficar na comunidade e que possam formar a liderança no círio da nossa senhora do Carmo, e de lá pra que elas saiam pra liderança de catequese, da crisma, batismo, círculo bíblico, do dizimo. Como já faz dez anos, no círio já tem lá adolescentes engajados que participaram do primeiro círio das crianças (Dona Marlene Medeiros, entrevista realizada no dia 11/08/2013).

Neste sentido, conforme está evidenciado na fala da entrevistada, a sua preocupação maior é formar futuros líderes e devotos de Nossa Senhora do Carmo, visto que isso acontecendo a veneração e a festividade do Carmo se manterá viva, passando de uma geração para outra.

## 2.2. DEVOÇÃO E TURISMO NO CONTEXTO DA FESTA DO CARMO

Tal como o espaço, o tempo também não é para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano (ELIADE 1992, p. 38).

A festa popular, como já foi dito, é um momento muito importante para o homem religioso, sendo que nesse período esse sujeito a partir de sua mentalidade de grupo consegue acreditar que pode se aproximar ao máximo de Deus, uma vez que seu tempo comum é parado dando lugar ao sagrado, onde um determinado espaço também antes tido como comum, por consequência de uma manifestação ira se transformar em sagrado fazendo com que esse religioso vivencie de forma intensa toda sua fé (ELIADE, 1992).

É, dessa forma, que o devoto de Nossa Senhora do Carmo encara sua responsabilidade com a santa. Pois, o mesmo vive durante o ano inteiro nessa perspectiva de que existirá um tempo em que irá deixar sua vida comum para entrar em um tempo sagrado. Sendo assim, é por isso, que a partir do começo do mês de julho, quando se dá o início da festividade de Nossa senhora do Carmo, muitas dessas pessoas começam a se deslocar até vila do Carmo no intuito de vivenciar esse momento religioso.

Nessa perspectiva, a Vila do Carmo torna-se durante a festa “do Carmo” um importante centro religioso, pois nesse período a festa consegue atrair milhares de devotos em busca de uma maior aproximação com Nossa Senhora e com Deus (ROSA, 2007). Para Eliade (1992),

o fenômeno que define qualitativamente um determinado espaço como sagrado e o diferencia de outros espaços comuns e homogêneos é uma hierofania, pois esse fenômeno torna o espaço único, extraordinário, com significado religioso para determinados grupos que o reconhecem como sagrado e que tem poderes de lhes aproximar de Deus, dos santos, da Mãe de Jesus, permitindo-lhes um contato mais estreito entre o mundo profano e o mundo sagrado.( ELIADE, 1992 apud ROSA, 2007, p.98)

Desta maneira, muitos dos devotos de Nossa Senhora quando vem à vila do Carmo, aproveitam para vivenciar o lado profano como os bailes festivos, os momentos de lazer e

outros. Isso acontece, além do período da festa, na época das férias, quando essa localidade é muito frequentada.



Imagem 8: Missa Campal de Nossa Senhora do Carmo. Fonte: MEDEIROS, fotografia realizada no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.

Neste sentido pode-se observar que alguns devotos aproveitam tais momentos para poder conciliar os dois lados do contexto religioso, o profano e o sagrado. Ao ser perguntado da visão que tem sobre os devotos que vão até vila do Carmo no período da festividade no mês de julho, o padre Raimundo Nonato respondeu que “hoje já se fala em turismo religioso”,

...o que traz as pessoas aqui, não vamos dizer que também não seja pra passear, pra rever os amigos, pra se confraternizar, mas o que chama o povo de fato é a questão religiosa. Você observa que tem pessoas que participam

da missa, vem a igreja uma vez por ano, mas na cabeça dela, se você perguntar se ela é religiosa ela vai responder que sim, o que separa é que uns são praticantes e outros não. Você ver a manifestação das pessoas quando chegam aqui. Passaram um ano fora, quando veem se a igreja tá fechada, pede pra abri olha eu quero conversar com Nossa Senhora e vem conversa faz a sua oração. Isso é muito importante se olharmos pelo lado antropológico, porque se agente for olhar só o lado religioso, o que que a gente quer, a gente quer um modelo e nós não temos um modelo (Pe.Raimundo Nonato, entrevista feita dia 08/08/2013).

A importância desse momento sagrado é tão marcante que o devoto de Nossa Senhora do Carmo, que mora em outra cidade ou estado, prepara-se durante meses para poder vir prestigiar a tal festividade e pagar as promessas provenientes das graças alcançadas.

Nesta perspectiva, segundo Rosa (2007),

os espaços sagrados têm forte valor significativo para o homem religioso, principalmente num tempo sagrado, fazendo com que esse homem, muitas vezes, se sacrifique para alcançá-lo, especialmente quando não se vive perto desses espaços. Assim, muitas pessoas movem-se em busca do sagrado, percorrendo grandes distâncias, por estradas esburacadas e empoeiradas, em meios de transportes que não oferecem segurança e/ou conforto. Tudo isso para se aproximar do divino, fazer e pagar promessas, participar dos cultos religiosos, acompanhar uma procissão, rezar e agradecer por graças alcançadas (ROSA, 2007, p. 50).

Portanto, conforme afirma Rosa (2007), a relação entre devoção e turismo também é muito estreita dentro do contexto religioso, haja vista, que durante esse tempo o devoto vivencia de forma simultaneamente esses dois aspectos dentro do contexto religioso. Ou seja, os feitos sagrado e profano são relevante porque trazem a tona discussões como peregrinação e o turismo, e que acabam se tornando a grande motivação para que esse religioso se veja como um turista, peregrino, peregrino-turista ou turista-peregrino (ROSA, 2007).

### 2.3. O ESPECTO SOCIAL DE VILA DO CARMO E A FESTIVIDADE DO CARMO

A Vila do Carmo, fora do período da festividade de Nossa Senhora do Carmo, é uma localidade muito tranquila, onde as pessoas pouco aparentam preocupação, haja vista, não se ter uma aglomeração de pessoas. Sua estrutura econômica está baseada no dinheiro do funcionalismo público, dos aposentados, bem como das pessoas que veem da colônia e ilhas fazer suas vendas, ou seja, vem com seus produtos (principalmente açaí e farinha), fazer comércio na localidade, preferencialmente, aos finais de semana, que é quando mais circulam pessoas, com destaque aos domingos, uma vez que a feiraneste dia é mais movimentada.

É um lugar onde ainda se ver pessoas jogando dominó e outros jogos em frente às casas, pois, o espírito fraterno ainda é bem forte. Por outro lado, as situações sociais, assim como em qualquer outra localidade do interior, seja, de Cametá ou de outros municípios, apresentam seus pontos negativos. Pois, não há postos de saúde com estrutura adequada para suprir a necessidade de cerca de quase 10.000 habitantes. Da mesma forma, não conta com escola de Nível Médio regular para os jovens que saem do fundamental, que são obrigados a estudar o nível médio pelo Sistema Modular de Ensino. Por outro lado, também não há emprego formal, a não ser aquelas pessoas que estão ligadas ao funcionalismo público.

Contudo, apesar de vários problemas de estrutura, o povo de vila do Carmo é muito hospitaleiro. Aliás, isso visto como uma das principais características desse local, pois sempre tratam com respeito as pessoas que veem de fora. É comum se ouvir dos visitantes a expressão: “um dia eu volto”.

Neste sentido, a festa do Carmo transforma a realidade do local, sendo que a estrutura social e comercial muda, consideravelmente, a estrutura física da vila. Pois, como a festa também é muito falada atraindo muitos visitantes, o número de pessoas que procuram ganhar um dinheirinho a mais também cresce, apesar de nesse aspecto, o número de pessoas da localidade ser inferior em relação às pessoas que veem de fora, também com esse intuito. Ou seja, no período da festividade se ver muito mais barraqueiros de outro lugar do que o próprio da localidade.

No entanto, há de se considerar por ser um momento em que a população espera prestigiar de fato a festividade em si, não se importando muito com outras preocupações, até porque como foi dito no capítulo anterior muitos já veem se preparando financeiramente nos meses que antecede a festividade.

Segundo as afirmações de SOUSA (2012),

Outro fator ligado à festividade nas comunidades cametaenses refere-se à questão econômica, na qual muitas pessoas, ainda que participem da festa como um momento de lazer, também a veem como um meio de ganhar um “dinheirinho”. Daí a presença constante nos arraiais dos (as) quituteiros (as), doceiros (as), churrasqueiros (as), tacacazeiros (as), vendedores de bebidas, comidas, marreteiros de roupas, brinquedos, entre outros (SOUSA, 2012, p.26-27).

Tem razão Rosa (2007) ao afirmar que,

as atividades desenvolvidas em torno das festas religiosas garantem subsistência de parte da população local, além de atrair comerciantes de fora, que veem nos períodos de festas religiosas uma oportunidade de obter ou aumentar sua renda e, assim, garantir a sobrevivência de sua família (ROSA, 2007, p.58).

Desta forma, no que concerne a relação da estrutura econômica que envolve aqueles que aproveitam para ganhar seu dinheiro com a venda de qualquer que seja o produto, mediante a instalação de barracas próxima a igreja, encontra-se a própria C.C de vila do Carmo, que vende o espaço para que esses barraqueiros possam construir suas barracas de forma legal nesse espaço no intuito de terem o privilégio de usufruírem dele até o final da festividade, já que, o terreno ao redor da praça pertence a comunidade cristã de Nossa Senhora do Carmo. Sendo assim cobra-se uma pequena taxa desses barraqueiros que é depositada no cofre da C.C.



Imagens 9, 10 e 11. Centro Comercial da Vila do Carmo, no período da Festividade. Fonte: MEDEIROS, fotografias realizadas no decorrer da pesquisa de campo, em 16/07/2013.



### **2.3.1. O DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL DE VILA DO CARMO**

A partir do momento em que a igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construída, começou a mudar a estrutura física de Vila do Carmo. Pois, onde acontecia a festa do Carmo, na década de 60, ou seja, na parte de cima, na Capela do Divino Espírito Santo, pouca expectativa se tinha decrescimento, uma vez que, aquela estrutura urbanística era muito restrita para um possível desenvolvimento.

Entretanto, na nova área houve um considerável inchaço de casas ao redor da igreja, com ruas para todos os lados, sendo que também foram construídos os principais prédios sociais de ordem municipal e estadual, como a escola Maria da Silva Nunes, o antigo posto de saúde, hoje servindo como posto policial em construção, a própria Praça de Nossa Senhora do Carmo. Bem como, é onde está instalado o centro comercial de Vila do Carmo, com supermercados de considerável porte.

A Vila do Carmo na atualidade conta com três escolas, sendo: A EMEF Divino Espírito Santo, a EMEF Nossa Senhora do Carmo (ambas municipalizadas) e a EMEF. Maria da Silva Nunes, esta última encontra-se desativada por motivo de precariedade estrutural. A vila possui, ainda, um pequeno posto de saúde; uma quadra poliesportiva ainda em construção dentro da área da escola de Nossa Senhora do Carmo; um trapiche em concreto; uma praça pública; um posto policial em construção; e um cemitério público. A vila possui uma única ruabloquetada, Nossa Senhora do Carmo, ou seja, revestida de paralelepípedo.

É importante ressaltar que se encontram várias igrejas evangélicas na Vila do Carmo. Porém, comonão é nosso propósito adentrarmos neste detalhe, haja vista que o presente trabalho está votado para o catolicismo, e nem se está falando de questão relacionada ao desenvolvimento urbano, se está apenas evidenciando tal existência, com o intuito de que se possa ter conhecimento do quanto essa localidade tão promissora já se desenvolveu e pode, se desenvolver ainda mais.

Não se pode negar que a festa e a devoção a Nossa Senhora do Carmo fez da Vila um importante centro turístico, com a peregrinação no mês de julho. Da mesma forma, pode-se considerar que esse catolicismo popular também proporcionou que outros santos passassem a ser cultuados na localidade, como é o caso do próprio Divino Espírito Santo, que embora não seja mais o padroeiro da localidade, como um dia já foi, continua sendo cultuado e tem sua comemoração no mês de novembro. Igualmente, acontece como a devoção ao Cristo Rei, cuja

festa de veneração acontece no mês de outubro, de cada ano. Isso tudo quer dizer, que assim como a população cresceu em torno da festividade “do Carmo”, cresceu também o número de santos cultuados, fruto da grande demonstração fé do povo Carmoense.

A Vila do Carmo, como uma das principais vilas do município de Cametá, destaca-se também como um importante centro comercial, que possibilita com que os habitantes das localidades vizinhas, moradores das pequenas C.C's que fazem parte da área paroquial de Nossa Senhora do Carmo, deixem de ir até a sede do município (cidade de Cametá) para fazer suas compras. Uma vez que, nesta Vila é possível encontrar as coisas básicas para a sua sobrevivência e bem estar. Assim, também, como comercializam seus produtos que trazem dentre os quais se destaca o açaí, a farinha de mandioca, o peixe, frutas, além outros. Logo, a circulação do dinheiro aumenta nesta localidade. Contudo, para receber seus rendimentos mensais os funcionários públicos ou aposentados por idade tem que se deslocar as cidades de Cametá e Mocajuba, já que na vila do Carmo não existe nenhuma Agência Bancária.

Portanto, a vila do Carmo passa por transformações advindas da festa “do Carmo” e no período desta, no mês de julho de cada ano. Para os devotos dessa santa é durante sua participação no círio, nas celebrações das novenas, e principalmente, na missa que seu contato com ela é mais significativo, pois nesse momento podem conversar com a santa, pedindo graças ou pagando as promessas pelas graças alcançadas. Nesse contexto, essa manifestação acaba por transformar definitivamente a vida dos habitantes locais, uma vez que, o tempo comum dá lugar ao tempo sagrado, ou seja, o tempo da festa de Nossa Senhora do Carmo, porém este também vem acompanhado de outro tempo, que estabelece estreita ligação com campo religioso, que o aspecto profano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da festa do Carmo, na localidade de Vila do Carmo do Tocantins, é abordar um campo social extremamente amplo. Pois, apesar de se tratar especificamente de um aspecto religioso, abarca muitos outros fatores capazes de fazer com que a vida naquela localidade passe a ser muito dinâmica comparada aos dias comuns, uma vez que a questão política, econômica e, principalmente, a cultural, são mecanismos que por si só são capazes de transformar um meio social e, ambos estão intimamente relacionados àquele contexto festivo.

A festa do Carmo sempre foi um momento glamoroso, onde as pessoas sempre tiveram orgulho de falar, de mostrar sua devoção a Nossa Senhora do Carmo e isso foi crescendo de tal forma que essa festividade e principalmente a santa tiveram papel fundamental no desenvolvimento da localidade.

Atualmente na vila do Carmo, a devoção a nossa senhora do Carmo é muito grande e isso foi um dos principais fatores que nos levou a querer saber um pouco mais dessa tão magnífica manifestação religiosa em honra desta santa. Uma vez que, entendendo esse contexto sagrado certamente teríamos possibilidades para compreender a realidade social de hoje, ou seja, os aspectos, físico cultural, econômico, além de outros, que foram extremamente modificados graças o crescimento e a repercussão em torno da festividade de nossa senhora do Carmo nesta Vila. No entanto para que isso fosse possível houve a necessidade de compreender o fluxo de pessoas para Vila do Carmo durante o tempo da festa, os efeitos desse fluxo sobre o espaço e sua estrutura física, bem como compreender as motivações que levaram tantas pessoas a frequentar este local no período festivo.

Foi a partir deste prisma que as atividades de pesquisa que originou o presente trabalho se direcionou. Neste sentido, se caminhou tentando entender como estas vivências, atitudes e comportamentos, manifestados a partir da prática religiosa do catolicismo popular em devoção a nossa senhora do Carmo, contribuiu para a produção e organização do espaço urbano da Vila do Carmo.

Apesar do árduo trabalho, chegamos até aqui na certeza de que todo esforço valeu a pena. Pois, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, muito embora, se tenha certeza de que não se chegou a uma conclusão definitiva, muito pelo

contrário, a pesquisa impulsionou se pensar em continuidade, vislumbrando trilhar o mesmo caminho analítico em buscas de mais dados em torna da historia da festa de Nossa Senhora do Carmo, bem como da própria Vila do Carmo. Sendo assim, em relação ao objeto de estudo pesquisado tem-se a perspectiva de se dar futuramente um maior aprofundamento, para que se possa, de fato, olhar para trás e poder registrar mais vestígios dessa história e de outras histórias envolvendo as festividades “do Carmo”.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:**

### a) RELATOS ORAIS:

Padre Raimundo Nonato Pantoja Corrêa

Senhor Cloriolando dos Santos Rodrigues 58 anos

Senhor Manoel Maria Rodrigues

Senhor Manuel Maria Sátiro de Melo 86 anos

Senhora Eliene Barros Medeiros 40 anos

Senhora Maria de Lourdes Barros Medeiros 73

Senhora Maria Vandeleia Almeida Medeiros 41

Senhora Marlene Almeida Medeiros

### b) FONTES DOCUMENTAIS ESCRITAS:

Relatório Prelazia de Cametá. Festa de Padroeiro: Pesquisa, Conclusões do Conselho. Prelácio de Pastoral, Gráfica e Editora Prelazia, 2008.

Livro do Tombo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Prelazia de Cametá.

Programas da festa de Nossa Senhora do Carmo.

### c) FONTES DOCUMENTAIS IMAGÉTICAS:

Fotografias de acervos familiares da Vila do Carmo

Registros fotográficos realizados no decorrer da pesquisa.

### d) FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976.

LAREDO, Salomão. **Vila do Carmo do Tocantins: a festa de Nossa Senhora do Carmo-paisagens de afeto**. Belém. Ed. 2007.

ROSA, Wedmo Teixeira. **As implicações Sócio-espaciais das Romarias no espaço urbano e regional de Milagres – BA**. 2007.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos: Aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia**. IN: revista brasileira de História das religiões. ANPUH, ano III, n. 7, mai. 2010. Disponível em: [www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos).

SOUSA, Arodinei Gaia de. **Irmandade leiga na Amazônia: Os irmãos Devotos de São Sebastião de Belo Prazeres – Cametá – Pará (1960-2010)**. Coleção Novo Tempo Cabano. Vol. IX, AGS. Cametá – Pará, 1ª ed. 2012.

## BIBLIOGRAFIAS

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **Introdução: A invenção das tradições**. IN: A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAREDO, Salomão. **Vila do Carmo do Tocantins: a festa de Nossa Senhora do Carmo-paisagens de afeto**. Belém. Ed. 2007.

MAUÉS, Raimundo Herald. **Outra Amazônia: Os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, vol. 2, n, 1, p. 1-26(2011).

NASCIMENTO, Mara Regina. **Religiosidade e Cultura Popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimento**. IN: Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009. Disponível em: [www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica](http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica).

OLIVEIRA, José Henrique Mota de. **Catolicismo: uma religião obrigatória**. IN: Usos do passado- XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

OLIVEIRA, Marlon Anderson de. **Entre a coroa e a cruz: A igreja sob a égide do padroado**. IN: Anais do II encontro internacional de História colonial. Revista de Humanidade. UFRN Caicó (RN), v, 9. N. 24, set/out. 2008. Disponível em: [www.cerescaico.ufrn.brmneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.brmneme/anais).

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado Amazônico**. Cametá: B. Celeste de M. Pinto Editora, 2007.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **A visão trágica do catolicismo no Brasil: Informações de Eduardo Hoornaert**. IN: Revista brasileira de História das religiões. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010. Disponível em: [www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos)

ROSA, Wedmo Teixeira. **As implicações Sócio-espaciais das Romarias no espaço urbano e regional de Milagres – BA**. 2007.

ROZENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação depois a devoção**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

SANTOS, Fernanda Reis dos. **“A Festa do excelso Padroeiro da Cidade das Palmeiras”: o culto à São Bartolomeu em Maragogipe (1851-1943)**.BA. 2010.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos: Aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia**. IN: revista brasileira de História das religiões. ANPUH, ano III, n. 7, mai. 2010. Disponível em: [www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos).

SILVEIRA, Jonas Klug da Memorial das Irmandades. IN: <http://turismoemjaguaraors.blogspot.com.br/2011/04/memorial-das-irmandades.html>, 2011.

SOUSA, Arodinei Gaia de. **Irmandade leiga na Amazônia: Os irmãos Devotos de São Sebastião de Belo Prazeres – Cameté – Pará (1960-2010)**. Coleção Novo Tempo Cabano. Vol. IX, AGS. Cameté – Pará, 1ª ed. 2012.

SOUSA, Raimundo Valdomiro. **Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder**. Belém: NAEA, 2002.